

em seis colunas, com o longo título de três linhas disposto sôbre as primeiras três colunas. Em se tratando de uma região de influência helênica, no muro externo correspondente ao lado esquerdo da cela do templo foi gravada a tradução grega, que ocupou nove colunas. Posteriormente, o templo foi transformado em mesquita, mas felizmente, por razões que não se conhecem, as inscrições foram conservadas e se bem que bastante danificadas puderam ser autenticadas e interpretadas a partir da segunda metade do século XVI.

Acreditamos que uma só dessas razões justificaria o entusiasmo dos estudiosos pelos comentários eruditos e a não menos preciosa tradução portuguesa com que o Prof. G. D. Leoni focalizou, estudou e interpretou a **regina inscriptionum**, isto é, o testamento político de Augusto.

MARIA REGINA DA CUNHA RODRIGUES

*

STEIN (Stanley J.). — **Vassouras, A Brazilian Coffee County, 1850-1900** Harvard University Press, Cambridge, Massachusetts, 1957, XVI-314 págs.

As condições institucionais de desenvolvimento das ciências sociais no Brasil ainda não possibilitaram uma nova e urgente transformação nos seus focos de pesquisa, pois estas continuam excessivamente presas a esquemas tradicionais ou ultrapassados. A predominância de investigações de cunho ensaístico, se corresponde a necessidades concretas e urgentes de conhecimento das linhas gerais de processos históricos, econômicos, ecológicos, sociais, que se desenvolveram no interior da sociedade brasileira, revela, por outro lado, certa incapacidade ou, pelo menos, impossibilidade de ajustamento da pesquisa aos procedimentos mais refinados de reconstrução e explanação.

A monografia de Stein representa um esforço bem sucedido de refocalização de um setor importante das transformações histórico-sociais do país. Aborda fundamentalmente alguns processos econômicos e sociais da área do café, conforme podem ser examinados por meio da reconstrução histórica da vida de uma comunidade típica do Vale do Paraíba. Em **Vassouras**, pois, não temos simplesmente a história de um município cafeicultor, mas a caracterização objetiva de alguns fenômenos peculiares à expansão cafeeira no Brasil.

Utilizando documentação inexplorada anteriormente, tanto aquela existente nos cartórios, arquivos particulares e públicos e bibliotecas de Vassouras, como a que se encontra nas bibliotecas do Rio de Janeiro, além de dados obtidos por meio de entrevistas com velhos habitantes da comunidade, o Autor realizou uma descrição cuidadosa dos principais acontecimentos verificados em Vassouras de 1850 a 1900, examinando a expansão, o apogeu e o declínio de uma ordem econômica e suas repercussões na estrutura da sociedade.

A “pré-história” do município (antes de 1850) é apresentada ligeiramente, para que se possa avaliar as bases econômicas, sociais e humanas sôbre as quais se assentaram os desenvolvimentos posteriores. Fica esclarecida a fase inicial de implantação do café como cultura básica. Esse período é caracterizado como de pioneirismo, com todos os seus riscos, pois que não se conheciam adequadamente os tipos de terras, de mudas, etc. que se deveriam conjugar para alcançar maior produção e melhor qualidade. Há um momento, entretanto, em que a economia está plenamente estruturada, quando o número de pés de café já é índice seguro dos cabedais (extensão da propriedade, número de escravos, etc..) do fazendeiro. Todavia, quando a economia cafeeira se encontra em pleno funcionamento, está em curso o seguinte círculo vicioso: “...**destroying virgin forest to plant coffee, to pay debts to get credit for the purchase of slaves to destroy more forest and plant more coffee...**” (pág. 30). Esse é um dos processos inerentes a esse tipo de atividade econômica; é o mais visível, é aquele que promove a marcha ecológica de toda uma comunidade. O esgotamento da terra, a eliminação das áreas virgens, o envelhecimento da força de trabalho (mão-de-obra escrava), a incapacidade de incorporar o trabalho assalariado e, posteriormente, a abolição do regime escravocrata, entre outros fatores, determinam a desagregação e o declínio da economia cafeeira e de toda a ordem social a ela ligada.

A ordem social, que se constitui fundada nas relações de produção inerentes a uma exploração econômica de tipo colonial, é descrita em seus principais fatores, desde a composição racial da população até a organização da família patriarcal, passando pela caracterização da estrutura social, a análise dos mecanismos de manutenção da ordem escravocrata, os padrões de convivência inter-racial, a rotina diária dos homens livres e escravos, cerimônias religiosas afro-católicas, etc. A fazenda é apresentada agora como uma unidade social, não mais como uma empresa produtora.

Essas, em linhas gerais, algumas contribuições da monografia. Trata-se de uma pesquisa que se apóia na reconstrução histórica dos aspectos essenciais da estrutura econômico-social de uma comunidade típica da área do café do Vale do Paraíba. Em síntese, temos aí um esforço coroadado de êxito de examinar, em determinado contexto empírico, o comportamento de fatores e processos que emergiram no interior das comunidades que foram alcançadas pela expansão do café. O economista e o sociólogo, se não encontram na obra a caracterização rigorosa dos fenômenos que caem no horizonte de suas disciplinas, têm, entretanto, a reconstrução cuidadosa de contextos que possibilitam a reavaliação de interpretações que ainda não foram testadas empiricamente. Enfim, trata-se de uma obra que deve ser traduzida com a maior brevidade, a fim de que o leitor brasileiro possa conhecer alguns aspectos típicos de uma ordem econômico-social que, dentro de certos limites, se repete sucessivamente em outras áreas envolvidas pelo roteiro do café.

OCTAVIO IANNI